

Takeshita preparou o caminho para Zélia

Ex-primeiro-ministro japonês se envolveu pessoalmente para o reinício das conversações

PAULO SOTERO
Correspondente

TÓQUIO — Com um ano de atraso, o encontro da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, com seu colega do Japão, Ryutaro Hashimoto, no domingo passado, em Nagoya, abriu o diálogo oficial de alto nível entre Brasília e Tóquio. A reunião parece ter dissipado a atmosfera pesada que dominou as relações entre os dois países nos últimos meses e deverá ser seguida por uma visita de Zélia ao Japão, provavelmente no mês que vem.

Mas o reatamento só aconteceu depois de uma gestão pessoal do ex-primeiro ministro Noburo Takeshita, numa operação que envolveu os bons ofícios e contatos do ex-presidente da Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, o brasileiro mais respeitado nos meios oficiais e empresarias japoneses, e o embaixador em Tóquio, Carlos Bueno. Takeshita, que caiu há três anos vítima dos respingos de um escândalo financeiro, continua a ser uma figura poderosa no Partido Democrático Liberal e é mentor político do atual ministro das Finanças.

Quando Zélia deixou Brasília e iniciou a viagem para o Japão, via Europa, seu nome não constava na agenda de Hashimoto. O embaixador japonês em Brasília, Harunori Kaya, havia comunicado formalmente ao governo que as autoridades de seu país não tinham interesse em manter contatos bilaterais e preferiam tratar a presença de Zélia no Japão nos limites de sua missão oficial, ou seja, a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento. A disposição japonesa, que virou notícia na imprensa, era um claro sinal da exasperação de Tóquio tanto com a atitude que o País assumira inicialmente na questão da dívida, como de questões mais concretas, de estilo e substância.

Em novembro, no auge do conflito entre o Brasil e os bancos credores em torno da questão dos juros atrasados, o secretário de Política

Econômica, Antônio Kandir, desmarcou uma visita a Tóquio com apenas 48 horas de aviso. As autoridades japonesas ficaram sem esclarecimentos sobre a situação dos investimentos japoneses nos setores portuário e siderúrgico depois da extinção da Portobrás e da Siderbrás. As duas holdings estatais tinham empresas japonesas como sócias. O subitito cancelamento da viagem foi interpretado em Tóquio como uma manifestação de pouco caso do governo brasileiro. Em fevereiro, depois de mais um adiamento de Kandir, quando finalmente a equipe econômica decidiu honrar o governo japonês com uma visita e despachou para Tóquio o secretário internacional do Ministério da Economia, Marcos Fonseca, o clima já estava deteriorado. O alto funcionário brasileiro foi recebido friamente.

Enquanto o governo dedicava-se a fazer novos inimigos e alienar pessoas no país do Primeiro Mundo que tem mais dinheiro e tecnologia, o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, tratava de manter o cerco ao Brasil no G-7. Não teve problemas para ganhar o apoio do vice-ministro das Finanças para assuntos internacionais do Japão, Makoto Utsumi. Refletindo a frustração de seu governo com a atitude de Brasília na questão da dívida e nos temas bilaterais, Utsumi garantiu a Mulford o apoio japonês no bloqueio dos empréstimos do BID ao Brasil, liderado por Washington, e articulou a tentativa de dar um gelo na ministra durante sua visita a Nagoya, na semana passada.

O encontro de Zélia com Hashimoto pode ter aberto o caminho para algumas boas notícias, quando a ministra voltar ao Japão para uma visita oficial. Zélia usou o encontro para criticar especulações publicadas em alguns jornais sobre o isolamento do Brasil. No dia seguinte, a ministra amanheceu em Tóquio para cumprir um único compromisso e pagar uma dívida política antes de regressar a Brasília. Ela teve um encontro com Takeshita na embaixada do Brasil e agradeceu o interesse e empenho do ex-primeiro-ministro na melhoria do diálogo e da cooperação entre os dois países.

ESTADO DE SAO PAULO